

CIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL: projetos políticos e culturais na construção dos lugares de memórias em Montes Claros

Filomena Luciene Cordeiro Reis¹

Grupo de Trabalho 8

GLOBALIZAÇÃO, RELAÇÕES POLÍTICAS E TRABALHADORES: CONJECTURAS E PROCESSO HISTÓRICO

RESUMO: Este estudo objetiva analisar algumas publicações das Revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros a fim de averiguar a diversidade de fontes históricas que possibilitam a escrita da história trazendo, nesse caso específico, cronistas e memorialistas que tratam sobre patrimônio cultural. Pensar o patrimônio cultural de uma cidade consiste em construir relações políticas e globalizadas que desenvolvam atitudes e comportamentos preservacionistas e de identidade. Nesse sentido, as fontes analisadas – Revistas do IHGMC datadas de 2007 a 2011 - permitem constatar projetos políticos e culturais que viabilizam a construção de lugares de memória em Montes Claros.

As fontes sobre a história de Montes Claros são bastante escassas, no que se refere aos séculos XVIII, XIX e meados de XX. Dessa forma, as obras dos memorialistas como Hermes de Paula, Urbino de Sousa Viana, João Vale Maurício, Ruth Tupinanbá Graça, Nelson Vianna, Cândido Canela, Mauro Moreira, Simeão Ribeiro Pires, Haroldo Lívio, Dário Teixeira Cotrim, Cyro do Anjos e outros que registraram acontecimentos de Montes Claros, tornam-se fontes primárias quando se pretende um aprofundamento sobre a história local. Para tanto, a leitura e análise das obras de alguns desses memorialistas fez-se necessária com o objetivo de pensar a concepção de patrimônio cultural desse grupo de pensadores locais que possuíam ou ainda possuem poder, sobretudo político e intelectual, para um projeto cultural da Cidade. A visão desses memorialistas permite várias possibilidades de pesquisa. Percebe-se que as obras dos memorialistas possuem características muito próprias, não se vinculando a nenhuma corrente historiográfica específica. Este modelo, porém, não exclui possibilidades de reflexão sobre a cidade, pelo contrário, por isso, a ideia desse artigo consiste em analisar as revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros – IHGMC datadas de 2007 a 2011.

A revista do IHGMC é publicada pela Gráfica Millennium, cujo primeiro volume é datado de 2007 e em vigor até os dias de hoje. Tem sempre como capa o nome da revista – “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros” -, a data da fundação do IHGMC – “Fundado em 27 de dezembro de 2006” -, o brasão da Instituição com duas circunferências, contendo na primeira circunferência o nome do IHGMC, data de sua fundação e na segunda, “Casa de Simeão Ribeiro Pires” e “*labor omnia vincit*”². No centro da

¹ Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes e doutoranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: Filomena.joao.reis1996@gmail.com Orientador: Prof. Wenceslau Gonçalves Neto. Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

² *Labor Omnia vincit* é um termo latino de autoria de Virgílio conhecido como um dos maiores poetas de Roma e expoente da literatura latina, que expressava as tradições de uma nação. Omnia vincit significa alguém que vence tudo. Omnia vincit é muito utilizado em textos históricos, mas também é usado com acréscimo de outras palavras, como por exemplo, “Amor vincit omnia” que significa – O amor tudo vence. Omnia vincit também é usado com a palavra latina veritas – Omnia vincit veritas, que significa - a verdade tudo vence. Omnia vincit labor – significa que – o trabalho tudo vence. Os termos latinos continuam sendo muito utilizados juntamente com termos jurídicos pelos representantes da lei, e em tribunais por desembargadores, juizes e advogados.

primeira circunferência apresenta-se a foto dos “Morros dois Irmãos” e a Igreja dos Morrinhos. No verso do brasão temos novamente duas circunferências, onde a primeira traz as mesmas informações. Na segunda, encontramos as mesmas inscrições - “Casa de Simeão Ribeiro Pires” (nome fantasia do IHGMC) e “*labor omnia vincit*” – e a fotografia de Simeão Ribeiro Pires. Abaixo vem o número do volume e a logomarca da gráfica. Na contra-capa vem sempre informações ou fotografias que remetem a história da cidade. Nas revistas analisadas nesse artigo, temos o volume I apresentando a imagem e um texto sobre o Brasão de Armas do Município de Montes Claros; no volume II edificações antigas e tombadas como bem cultural de Montes Claros; no volume III, fotografia, imagens e pinturas que remetem a Godofredo Guedes, o homenageado da revista; no volume IV, as fotografias dos membros da Diretoria do IHGMC; no volume V, as fotografias dos membros da diretoria do; no volume VI, as fotografias dos bispos de Montes Claros desde 1910 até dos dias atuais; no volume VII fotografias das pinturas de Konstantin Christoff, homenageado dessa edição e; no volume VIII, os membros da diretoria de 2011/2012. Conforme abordado acima, a revista sempre faz homenagem a um “cidadão notável” da Cidade. Nos volumes I e IV, foi Hermes de Paula. A Revista nas primeiras páginas traz os nomes da Comissão Fundadora do IHGMC, da Diretoria e a lista de sócios efetivos.

Após a apresentação geral da Revista com o objetivo de conhecê-la melhor e a sua proposta, vamos a análise dos textos selecionados e que tratam sobre patrimônio cultural ou relacionados a ele. Na apresentação da Revista, volume I, de Wanderlino Arruda, presidente do IHGMC encontramos a sua missão:

Expressão máxima da inteligência e do conhecimento regionais, já com 85% do quadro social previsto, nosso Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros tem como missão pesquisar, interpretar e divulgar fatos históricos, geográficos, etnográficos, arqueológicos, genealógicos, assim como fomentar a cultura, a defesa e a conservação do patrimônio histórico, artístico e cultural de Montes Claros e Norte de Minas (ARRUDA, 2007, p. 9).

Conforme podemos notar o IHGMC tem como missão defender e conservar o patrimônio histórico de Montes Claros, daí publicações na revista que remetem a essa questão, bem como iniciativas como a custódia de determinados acervos.³ Pensando nisso, o primeiro volume contém fotografias e documentos considerados importantes como fato histórico da cidade. Esses documentos não são analisados, apenas constam como fotografias e/ou transcrições de textos retratados e mostrados na Revista para conhecimento de sua existência, dentre eles, o Diploma de nomeação para a Guarda Nacional de Domiciano Ferreira Pimenta (TELLES, 2007, p. 68); Brasão de Armas do Município de Montes Claros e seu emblema representativo, documento do Arquivo de Dário Teixeira Cotrim (GUEDES, 2007 p.118); primeira casa construída em Montes Claros (SILVEIRA, 2007, p.185); fotografia do poeta Patrício Guerra⁴ e Resolução nº 939, de 07 de julho de 1858, que aprova as posturas da Câmara Municipal de Montes Claros de Formigas (DAVID, 2007, p. 189-190).

(COTRIM, D. T. (dariocan@bol.com.br). [mensagem pessoal]. *Omnia vincit*. Mensagem recebida por filomena.joao.reis1996@gmail.com em 8 dez. 2011)

³ O IHGMC tem sob sua custódia, acervo de Simeão Ribeiro Pires, que constitui fonte riquíssima para pesquisa em várias áreas do conhecimento, além de promessas em receber jornais locais e outros documentos.

⁴ “Nasceu a 17 de março de 1896, no Arraial de Piedade, Licínio de Almeida (BA). Em 1917 começou a faina literária com intensa colaboração em vários jornais da Bahia e de Minas Gerais. Escreveu dramas, poemas, comédias, com predileção pela poesia lírica. Publicou FOLHAS DE OUTONO e FLORILÉGIO MARIANO. Foi membro ativo da Academia Montesclarensense de Letras. (COTRIM, D. T. (dariocan@bol.com.br). [mensagem pessoal]. *Patrício Guerra*. Mensagem recebida por filomena.joao.reis1996@gmail.com em 8 dez. 2011)

Dentre os outros artigos da Revista do volume I, podemos citar alguns que tratam acerca de pessoas como Hermes Augusto de Paula, Dona Tiburtina, Simeão Ribeiro Pires, o mecânico Gasparino, João Botelho, Geraldo Vieira, Tobias Leal Tupinambá, assim como instituições como Labor Clube de Montes Claros. Os textos se apresentam na perspectiva da historiografia tradicional⁵, ou seja, são narrativas que relatam os fatos ou descrevem as pessoas que contribuíram para a construção da cidade, da história e historiografia local. Simeão Ribeiro Pires “Foi o acadêmico Simeão Ribeiro o único historiador de Montes Claros que esteve visitando a Torre do Tombo, em Lisboa, para trazer preciosas informações sobre as nossas origens” (COTRIM, 2007, p. 23). A afirmação acima nos revela a importância dos memorialistas e cronistas para Montes Claros, pois eles procuravam informações/documentos que pudessem ajudar na “comprovação” da história de Montes Claros.

A Revista do IHGMC, Volume II, contém artigos que tratam sobre memórias. Ressaltamos algumas que abordam itens considerados patrimônios culturais com o objetivo de verificarmos a predominância dos objetos, peças, prédios e vivências consideradas como tal. Um dos artigos dessa Revista trata acerca da arquitetura de Montes Claros a partir da obra de Antônio Augusto Barbosa Moura⁶. Moura trata sobre a formação de Montes Claros,

(...) se assemelha àquela formação tradicional das cidades coloniais brasileiras, onde as famílias de melhor poder aquisitivo constroem seus sobrados e casarões nos arredores da igreja na praça principal. Com o crescimento do comércio e do desenvolvimento, são abertas novas ruas e acessos numa malha reticulada bastante tradicional. A expansão da cidade fez com que a área de comércio central fosse se ampliando, desta forma as antigas residências localizadas nestas áreas residenciais foram se afastando do centro, para as chácaras no entorno. O processo de urbanização pelo qual a cidade passa é semelhante às demais cidades médias brasileiras, onde praticamente toda a população encontra-se vivendo nas cidades (MOURA, 2008, p. 27).

Moura mostra como Montes Claros foi-se transformando por causa das novas demandas, sobretudo comerciais. Essas mudanças pedem a intervenção arquitetônica, ou seja, os bens culturais arquitetônicos devem se adequar a nova realidade imposta pelos espaços solicitados pelo mercado. Moura diz que Montes Claros apresenta uma arquitetura enquanto fenômeno curioso: “(...) uma ornamentação autóctone de uma cidade isolada que se cristalizou em um estilo local” (2008, p.29). A arquitetura residencial, para ele, acompanhou

⁵ Ver em: BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Portugal: Publicações Europa – América, 1983. Ver em: FONTANA, Josep. A reviravolta cultural. In: *A história dos homens*. Tradução Heloisa Jochins Reichel e Marcelo Fernando da Costa. Bauru, S.P.: EDUSC, 2004. No livro “A História dos Homens”, Josep Fontana se propõe a revisar o livro “História: análise do Passado e Projeto Social”, porém fazendo uma nova análise, assim como melhorando e corrigindo o que escreveu a partir do que aprendeu no decorrer desse tempo. Ele percebe que o mundo mudou, assim como as perspectivas, por isso a necessidade da revisão. Ele aborda as correntes historiográficas e suas construções, sobretudo revelando a reviravolta cultural que se dá com as discussões historiográficas após a Segunda Guerra Mundial, que propõe novas possibilidades de debates. “A história dos homens” é pensada na perspectiva da história de todos e não apenas enquanto uma história factual e narrativa privilegiando a História Política com ênfase nos heróis e seus grandes feitos.

⁶ “Natural de Montes Claros nascido em 07 de outubro de 1941, Antônio Augusto Barbosa Moura é filho de Antônio Máximo de Moura e Maria da Conceição Barbosa Moura. Inicia em 1961 o curso superior de Arquitetura e Urbanismo na Escola de Arquitetura da UFMG, graduando-se em 1965. Logo após a graduação, viaja para a Europa, buscando um aperfeiçoamento e uma complementação da sua formação profissional. Faz curso de especialização na Universidade de Milão em Urbanística Técnica, além de cursos de língua na Università Italiana per Stranieri, Perugia, Itália e curso de inglês em Cambridge na Inglaterra. Sua grande oportunidade foi o estágio em Milão com o arquiteto Ângelo Mangiarotti (1921), atualmente um dos maiores arquitetos do século 20 na Itália, atuando nas áreas de Urbanismo, Arquitetura e Design” (MOURA, 2008, p.34).

as necessidades da época e do lugar e, nesse sentido, aborda alguns prédios e seus estilos arquitetônicos: “(...) cria-se uma arquitetura variada, misturando estilos e tendências, mas bastante característica do lugar” (MOURA, 2008, p. 32).

Na década de 1950, Montes Claros recebe novos arquitetos, monstecclarenses que foram estudar Arquitetura em outras cidades e retornam posteriormente, introduzindo o modernismo, cuja referência é Antônio Augusto Barbosa Moura.

O arquiteto [Antônio Augusto Barbosa Moura] apresenta em seus projetos novos conceitos e formas pouco exploradas na região e consegue aliar uma nova linguagem e um novo repertório de formas às peculiaridades locais. Suas experiências e trabalho se desenvolvem num processo contínuo de evolução que confere uma unidade no seu trabalho e permite a identificação de fases e momentos. Explora uma linguagem arquitetônica rica, cheia de recursos formais articuladas à pesquisa e o uso de materiais diversos como vidro, concreto, cerâmica e madeira conseguindo resultados racionais práticos que demonstram uma preocupação estética à criatividade e a inovações para a região (MOURA, 2008, p. 33).

Com a introdução desses novos conceitos, e claro, com as vivências dos moradores de Montes Claros, sobretudo da periferia, a cidade vai se transformando arquitetonicamente. A periferia a revela das propostas dos arquitetos e engenheiros que vão construindo as residências do centro da cidade, tem como objetivo viver, morar e ter um abrigo para sua família, mas não deixam de copiar a seu modo os estilos arquitetônicos que vêm nos bairros mais chiques e no centro. Tudo isso, vai se constituindo o patrimônio cultural arquitetônico de Montes Claros, porém, indo além das normas e estilos propostos pela elite econômica e política local, assim como os profissionais da área.

A Revista do IHGMC, Volume III apresenta as mesmas características do Volume I e II e traz artigos que nos fazem pensar sobre o patrimônio cultural da Cidade. Este volume é dedicado a homenagear Godofredo Guedes,

Só a arte, quando direcionada pelo Criador, tem o poder de eternizar o homem. Tanto que, em todas as criações da antiguidade, a arte permanece viva e discutida entre nós. Por mais que ela seja destruída pela evolução, ainda assim permanece na escrita, nas pedras que constroem os monumentos, nos pincéis movidos pelas mãos mágicas dos gênios, que em Montes Claros está destacada pelo mestre Godofredo Guedes DA SIMPLICIDADE DE UM GÊNIO. (...) Vejo-o na feira de arte, como um artesão sem a esnobação tão comum dos grandes artistas. Era um trabalhador de mãos grosseiras, estragadas pelo manuseio dos pincéis. Era um homem marcado pela sua personalidade simples, que não demonstrava todo colorido que morava na sua alma. DODÔ, apelido carinhoso, escreveu uma das mais belas páginas da nossa história. Seus quadros ocupam espaço em todas as salas de residências e escritórios de Montes Claros. Ele pintava por vocação, sem se preocupar em enriquecer com sua arte. Não se limitava apenas nas tintas, ele transformava em poesias divinas. Conta-se que desde menino era fascinado pela música, que ele foi construindo e armazenando para mais tarde explodir nacionalmente na voz de seu filho BETO GUEDES, que acreditou e valorizou o potencial do seu pai. Coisa rara em família. Assim, o sobrenome Guedes passou a ser conhecido em todo o Brasil (CHAVES, 2008, p. 15-16).

A apresentação de Amelina Chaves a Godofredo Guedes nos faz perceber a importância na perspectiva cultural de Montes Claros desse sujeito histórico. Godofredo Guedes é uma figura familiar de Amelina Chaves. São amigos, por isso, a liberdade em expressar quem ele é, inclusive a partir dos encontros nas feiras e na própria cidade. Aquele que deixa sua marca e um filho conhecido no âmbito nacional como cantor.

O próximo artigo selecionado lida também com artistas, ou seja, é a Associação dos Artistas Plásticos de Montes Claros. O artigo trata sobre a criação e funcionamento da referida Associação, “(...) fundada no dia 3 de Fevereiro de 1989 pelo artista plástico Mário Magno Cardoso Filho (Mário Boy), juntamente com outros artistas da cidade, com a finalidade de reunir os profissionais das artes plásticas para valorização, difusão e ampliação dos seus exercícios artísticos” (PATROCÍNIO, 2008, p. 51). Patrocínio discorre no texto como funciona a Instituição, sua logomarca, a biografia de Mário Boy, criador e primeiro presidente da Associação, assim como de outros presidentes e o atual, Carlos Muniz. O formato do texto é na perspectiva da História Tradicional ressaltando o papel da Associação em Montes Claros.

Outro artigo aborda o mercado velho, prédio que está na memória da população montesclarenses, sobretudo de quem vive no centro da cidade, conforme verificamos também no livro de Milene Maurício. O mercado é vivo não só na memória, mas, “(...) proporcionava as mais diversas incursões de aspecto olfativo, visual, tátil e, porque não dizer, histórico e folclórico local. Com os cheiros que sentíamos, conseguíamos distinguir os diferentes períodos de safras” (CARVALHO, 2008, p. 79).

Esse prédio foi construído no final do século XIX trazendo a tona vários conflitos políticos e sociais visíveis na cidade. Maurício (2005) relata essa tensão com detalhes. Os negociantes de Montes Claros em 29 de janeiro de 1896 encaminham um ofício à Câmara Municipal, além de dinheiro para construção de um Mercado Municipal. É formada uma Comissão com a responsabilidade de escolher o local, porém o mesmo não agrada a administração atual, que no momento é de Honorato Alves. O local escolhido iria contemplar tanto quem morava na parte de cima como na parte de baixo da Cidade. Essa divisão – moradores da parte de baixo e de cima - consiste também numa questão política de Montes Claros. O assunto é adiado e retomado posteriormente, cujo lugar escolhido agora seria próximo a Praça Dr. Carlos, desagradando os negociantes e moradores da parte debaixo da cidade. Porém, a construção do prédio do Mercado Municipal por não seguir as recomendações do engenheiro vem ao chão, motivo de comemoração pelos moradores da parte de baixo. Outro prédio começa a ser construído no mesmo local, agora obedecendo as normas propostas pelo projeto e, assim, o Mercado Municipal é inaugurado em 2 de setembro de 1899.

O artigo de Carvalho (2008) traz cheiro de gente, animais, comida, frutas e carnes ao Mercado:

As mercadorias eram colocadas no chão nu, às vezes forrado com um pano encardido ou uma esteira de palha. A gente podia distinguir de longe as cargas de goiaba, manga, ubá, pequi, pana, pelo perfume, para uns ou odor desagradável para quem os detestava. As diversas fragrâncias se misturavam vigorosamente: o suor dos animais, seus excrementos e urinas, o peixe salgado e a carne de sol, os queijos e requeijões, a fumaça do preparo dos churrasquinhos e “pê-efes” e o cheiro enjoativo dos couros exalados das selas e dos arreios. Não é novidade, pois tudo isto é cheiro de qualquer mercado. Só que o nosso, além do cheiro, tinha atrativo ‘montesclarês’ (CARVALHO, 2008, p. 79).

O texto é cheio de memórias de quem vivenciou e experimentou o mercado: “Havia uma ala especializada em bordados e outra que comercializava cestas, peneiras, esteiras e uma grande variedade de baús (...). (...) potes, bilhas, pratos, cofrinhos (...), miniaturas de jogos de chá e café,, ‘cachê-pots’ para plantas ornamentais etc., tudo em barro cozido em forno próprio” (Carvalho, 2008, p.79-80).

Além de abordar o interior do Mercado, Carvalho (2008) localiza o prédio na cidade e dá referências das lojas e lugares próximos a ele, assim como o papel de cada estabelecimento que o rodeava. Suas experiências de vida são trazidas a tona junto com esse prédio e a proposta para o fim que o destinara. É um lugar de memória. Porém, essa memória faz parte das vivências de quem participou desse momento e partilhada por diversas formas como

conversas e textos publicados em vários formatos vão deixando registradas essas sensações e impressões experimentadas por algumas pessoas. Esse Mercado Municipal faz parte das lembranças mesmo daqueles que não conheceram, pois se fala muito sobre sua existência, assim como o espaço geográfico que ele ocupava e substituído primeiro por um estacionamento e atualmente por um *shopping* popular faz algumas pessoas refletirem sobre essa questão. Como podemos perceber o Mercado Municipal na Revista do IHGMC traz alguns textos rememorando, firmando e afirmando a importância desse lugar de memória de Montes Claros.

A Revista volume IV na sua apresentação reafirma a missão do IHGMC “(...) o IHGMC, responsável pelo levantamento de dados e registros de fatos e personagens ligados ao histórico-geográfico, marca e marcará nosso mineiríssimo Sertão, (...)” (ARRUDA, 2009, p. 9). Na busca por personagens e dados, a referida Revista, nesse volume, faz uma homenagem especial ao centenário de Hermes de Paula, prometendo edições comemorativas posteriores relativas aos centenários de João Chaves, Felicidade Tupinambá, Cândido Canela e Olynto Silveira, “(...) nomes da mais alta expressão de nossa cultura” (ARRUDA, 2009, p.10).

O primeiro texto da Revista escrito por Moura (2009, p. 13-18) trata sobre Hermes de Paula e enfatiza a importância do livro “Montes Claros, sua história, sua gente e seus costumes”⁷. Moura (2009, p. 13-18) relembra também sua infância e relata como o livro de Hermes de Paula contribuiu para conhecer melhor a cidade:

Muitas vezes lendo as adivinhações, outras vezes as cantigas de roda, os parachoques de caminhão, fazendo receitas e quitutes sugeridos pelo livro, além de informações sobre as pessoas, a história e a geografia de Montes Claros. Aprendi muito sobre as principais personalidades, os homens e mulheres que construíram nossa cidade; sobre plantas medicinais; o folclore, entre outras curiosidades (MOURA, 2009, p. 15).

Moura faz uma pequena biografia de Hermes de Paula e aborda como Montes Claros se transformou e, por isso, a importância desse memorialista no sentido de não deixar perder a história da cidade por meio do seu livro.

Durães, outro texto desse mesmo volume da Revista, aborda os monumentos de Montes Claros enquanto “(...) saudosos monumentos” (2009, p. 97), enfatizando suas vivências e lembranças naqueles prédios e costumes que não existem mais por causa do desenvolvimento.

Venho acompanhando o crescimento e o desenvolvimento de Montes Claros, desde os primórdios da década de trinta. Nesse longo e demorado trajeto, muitas coisas aconteceram e muitas mudanças se verificaram, porém detenho-me apenas nas lembranças de algumas das velhas edificações que tiveram estreitas ligações com minha infância e juventude, nos costumes, na disciplina e ensino primoroso do passado. (...) O velho Mercado Municipal (...). O prédio da Estação Ferroviária (...). (...) 9ª Inspetoria de Locomotiva/EFCB (...). No Natal, além do conagraçamento (...). (...) dia 1º de maio (...). O prédio do Colégio Diocesano (...). O velho e soberbo casarão da rua Cel. Celestino, 75, (...) (DURÃES, 2009, 97-101).

Sena (2009, p. 102-111), enquanto militar, trata do Colégio Tiradentes da Polícia Militar fazendo um histórico do Colégio; a construção do prédio; a placa de inauguração retratando os nomes das autoridades que propiciaram a concretização desse feito, mas

⁷ Esse livro constitui uma fonte riquíssima para pesquisa para os estudantes do Curso de História ou que necessitam abordar a origem e história de Montes Claros. O referido livro foi encomendado para as comemorações do centenário da cidade em 1957.

contendo a frase “Construída pelos soldados da Polícia Militar, com a força da comunidade.” (SENA, 2009, P. 107); a transferência do Colégio para outro prédio e um pouco do tempo presente mostrando a sua estrutura física, procedência dos alunos, turmas escolares e quadro de servidores; além do seu papel nos dias de hoje enquanto espaço educativo na Cidade.

A Revista contempla também um artigo que trata da arquitetura de São Francisco⁸, cidade norte mineira, bastante interessante (LEITE; PEREIRA, 2009, p.123-138).

O Volume IV da Revista do IHGMC traz um texto que faz um histórico sobre a seresta em Montes Claros.

Dando um mergulho no cerne da existência da seresta em Montes Claros, reportamo-nos ao início do século XX. Lá, encontraremos a seresta cultivada pelos jovens cantores e instrumentistas numa época em que a diversão dos rapazes se resumia em fazer serestas para as donzelas quando já dormiam em seus travesseiros de flores (CHAVES, 2009, p. 142).

Chaves (2009, p. 142-154) lembra por meio de uma pequena biografia dos seresteiros de Montes Claros: João Chaves, Tônico Faria, Mendoncinha, Pedro Mendonça, Totônio Américo, Virgolino Narciso Soares, Américo França, Leônidas de Andrade Câmara, Gentil Sarmiento, José Augusto Prates, Augustinho Guimarães, Donato Quintino, Luiz Gregório Júnior, Elpídio José Cezar, Manoel da Silva Reis, Hermes de Paula, Sinval Froes, Ducho, Nivaldo Maciel e tantos outros. Aborda discos, canções, apresentações e shows nacionais e internacionais para o público, assim como na TV e rádio. O artigo revela um acervo fotográfico riquíssimo acerca do assunto.

A Revista do IHGMC, volume V, contém artigos que trata sobre o patrimônio local, dentre eles, um escrito por Felicidade Patrocínio com o título “Montes Claros no cenário das artes plásticas brasileiras”.

Montes Claros, “Cidade da Arte e da Cultura”, (...) neste cenário fermenta e é fecunda a semente da mais legítima intelectualidade. Esta cidade, que se localiza num ponto bem distante nos gerais, bem ao norte de Minas, destaca-se no cenário nacional por vários fatores como: a riqueza e a diversidade de suas manifestações artísticas; um folclore vivo e contagiante, é sede do Conservatório de Música Lorenzo Fernandez, que tem o maior número de matrícula entre os Conservatórios da América latina; é sede de uma grande universidade pública e de inúmeras faculdades particulares, tornando-se desde a última década, em um importante pólo universitário brasileiro. É, também, o segundo entroncamento rodoviário do país, o que sinaliza o trâmite de influências culturais, mas, principalmente, tem uma vocação ímpar para as artes em todas as suas modalidades, sustentando desde o ano de 1984 o título de “Cidade da Arte e da Cultura” (PATROCÍNIO, 2010, p.21-22).

Patrocínio enfatiza o papel de Montes Claros no cenário geral em relação as artes plásticas, porém destaca o aspecto da arte abordando Raimundo Colares⁹, Konstantin

⁸ Conforme foi abordado anteriormente a Revista do IHGMC contempla artigos que abordam a região e não somente Montes Claros, porém a sua maioria é relativo a cidade. A menção desse artigo que trata sobre a arquitetura de São Francisco é motivada pela temática, patrimônio cultural, alvo desse estudo.

⁹ “Raimundo Colares é considerado por unanimidade como um dos mais expressivos artistas da geração 60/70 [1960/1970] do país. Sua arte é considerada absolutamente única no cenário brasileiro. Colares surge num momento de transição e sua arte se apresenta como mescla e síntese de múltiplas fontes: construtivismo, pop, futurismo, minimal arte, cubismo, geometrismo, o que a classifica como contemporânea. Colares fez o curso primário no Colégio Imaculada Conceição, colégio de freiras católicas e continuou como seminarista no Seminário Diocesano Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, a principal escola de formação de padres da cidade. No seminário ficou pouco tempo, apenas 2 anos, de lá seguiu para o Colégio Estadual Plínio Ribeiro, a conhecida Escola Normal de Montes Claros, até a segunda série do curso Científico, ao conquistar, através de

Christoff e Yara Tuponambá¹⁰, referências nacionais e internacionais. É interessante a ênfase dada ao título que Montes Claros recebeu em 1984 de “Cidade da arte e da cultura”, assim como “(...) a semente da mais legítima intelectualidade” (PATROCÍNIO, 2010, p. 21). Essa expressão “Montes Claros: Cidade da arte e da cultura”¹¹ denota, por meio de estudos anteriores, Montes Claros como uma cidade onde a arte e a cultura é elitizada. Dessa forma, onde estão, como e quais são as expressões populares?

Nesse mesmo volume da Revista, Durães rememora “Coisas do passado” (2010, p. 61) revelando uma Montes Claros pacata e interiorana onde “O povo da cidade era simples, solidário e vivia como se fosse uma grande família e os camponeses da redondeza não eram diferentes” (2010, p. 61), assim como aberta ao “progresso e ao desenvolvimento”, pois “Com o passar do tempo, tudo mudou radicalmente . Surge a tecnologia avançada e cheia de novidades modificando as coisas e os costumes (...)” (2010, p. 61). Outros patrimônios relatados na Revista são a Associação Desportiva Tiradentes, Associação Desportiva Ateneu e Associação Atlética Cassimiro de Abreu:

Em 1956, quando o 10º Batalhão da Polícia Militar se instalou em Montes Claros, o futebol amador era, sem dúvida alguma, o esporte de maior apelo popular na cidade, capaz de mobilizar toda a sociedade, através dos clubes representativos dos diversos segmentos comunitários. Para contrapor a uma Associação Desportiva Ateneu, que apresentava um viés elitista, (...) criou-se uma Associação Atlética

concurso, o prêmio Bolsa de Estudos da Sudene, para terminar o curso em escola preparatória para o curso superior, na Universidade da Bahia, em Salvador. Raimundo Colares morou em Salvador durante um ano, encantou-se com a cidade, descobriu os seus alagados e os pintou na série do mesmo nome. Foi lá que tomou conhecimento das artes de Piet Mondrian e Paul Klee, figuras estas que irão revolucionar as suas idéias. Ambos, pintores geométricos abstratos. Esses personagens com suas artes, fascinarão Colares que imediatamente começa a pintar.” Ver em:REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MONTES CLAROS. In: Patrocínio, 2010, p.23-24.

¹⁰ Natural de Montes Claros, Minas Gerais, fez estudos artísticos com Alberto da Veiga Guignard e Oswald Goeldi; foi bolsista da Pratt Institute, em New York. Participante dos Salões de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Brasília, Paraná, Porto Alegre, Campinas, Ouro Preto e Pernambuco. Participante das Bienais de São Paulo e de Salvador. (...) Artista selecionada para numerosas mostras nacionais em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre, Brasil. Selecionada para representar a arte mineira em todas as grandes coletivas organizadas por entidades oficiais como Palácio das Artes, CEMIG, Secretaria da Cultura e Fundação Newton Paiva Ferreira. Participante de mostras internacionais como I Certame Latino-Americano de Xilogravura, Buenos Aires; Artistas Brasileiros em Indiana e Ohio; Artistas brasileiros em The Brazilian American Cultural Institute, Washington; Artistas Brasileiros na Cité Universitaire, Casa do Brasil, Paris; Artistas Brasileiros selecionados para o acervo do Museu Spokje, Iugoslávia; Artistas Brasileiros na Nigéria; Artistas Brasileiros no BAC, New York. Participante das mostras da Xilon Internacional que, de dois em dois anos percorre a Europa. Selecionada para a Bienal Internacional de gravura sobre madeira, Evry, França. Incluída em numerosos livros sobre a arte brasileira como o Dicionário das Artes Plásticas do Brasil, Roberto Pontual; A Escola Guignard na Cultura Modernista, Professora Ivone Maria Vieira; Tiradentes, Edição da Caixa Econômica Federal e Ministério da Educação; Arte Brasileira Contemporânea, publicação Júlio Louzada; Panorama da Arte Brasileira, Várias Tendências, Editora RMB; Artes Plásticas no Brasil, vol. 10 e 11, Júlio Louzada; Anuário da Arte Brasileira 2001; 60 Obras Selecionadas, Gravadores Brasileiros, publicação do ICBEU; Gabinete de Arte, livro publicado pela Prefeitura de Belo Horizonte, Editora Conarte e Fundação João Pinheiro; Brasil 500 anos, Artes Plásticas, RMB Editora; Brasil Art Show, Editora Jardim Contemporâneo Ltda. (...) Tem 92 painéis e murais espalhados por numerosas cidades brasileiras. Disponível em: Yara Tupinambá: A artista que sintetiza Minas. <http://www.yaratupynamba.com.br/site/artista.php>. Acesso em: 17 fev. 2012.

¹¹ “Conversando com Reginauro Silva ele me disse ser o autor da frase. Entretanto, eu já ouvi alguém - na Secretaria de Cultura - dizer que é de Luiz Tadeu Leite. Em 1993/94, o prefeito de Montes Claros era Tadeu e foi exatamente nesta época que iniciamos a publicação dos primeiros 15 livros do Consórcio Literário "Oficina das Letras" quando o Secretário da Cultura Ildeu Braúna dizia que Montes Claros é "a cidade da arte e da cultura". Mas, certamente, que Reginauro Silva seja mesmo o autor da frase o que aconteceu dez anos antes” (COTRIM, D. T. (dariocan@bol.com.br). [mensagem pessoal]. *Omnia vincit* . Mensagem recebida por filomena.joao.reis1996@gmail.com em 17 fev. 2012)

Cassimiro de Aberu. (...) e a Polícia Militar (...) organizar a sua própria equipe de futebol (...) (SENA, 2010, p. 68-69).

Sena trata do esporte que agrega e congrega a sociedade, principalmente do sexo masculino em Montes Claros. O futebol revela, inclusive a classe social dos torcedores: Associação desportiva Ateneu representa a elite política e econômica de Montes Claros; a Associação Atlética Cassimiro de Abreu é um time popular; e a Associação Desportiva Tiradentes representa os militares.

Montes Claros vai se transformando com o decorrer do tempo e a estrada de ferro é um dos seus propulsores. Fazendo um relato da história da estrada de ferro desde o âmbito mundial, Fonseca (2010 p. 131-141) apresenta o “trem baiano” ou o “trem do sertão” que é o um dos meios de transportes do Norte de Minas, que gera mudanças nos costumes da população norte mineira e montesclareense.

Graça (2010, p. 142-145) com seu artigo sobre Felicidade Perpétua Tupynambá traz a tona a presença de uma mulher e sua contribuição a Montes Claros, sobretudo no âmbito educacional, cultural e no setor público. O texto de Graça nos revela a presença de personagens que faz a cultura da cidade. Dessa forma, a “cidade da arte e da cultura” vai se elitizando, pois não reflete acerca do que a sociedade no seu geral produz com suas vivências.

O volume VI da Revista do IHGMC contempla os seguintes artigos: “A igreja dos Morrinhos” (SARMENTO, 2010, p. 17- 20); “As estradas do Tijuco a Salvador” (COTRIM, 2010, p. 21-26); “Montes Claros: memória, devoção e milagres” (PAULA, 2010p. 27- 47); “A arte de Konstatin Christoff” (PATROCÍNIO, 2010, p. 48-60); “Uma rua de ontem e de hoje” (MAGELA, 2010, p. 61-63); “Cafê Galo reinaugurado com festa” (OLIVEIRA, 2010, p. 70-74); “Festa de agosto” (MAURÍCIO, 2010, p. 75-79); “Coisas do passado II” (DURÃES, 2010, p.80-87); “A Arquidiocese centenária e o Concílio Vaticano II” (SOUSA, 2010, p. 136-145); “Largo da Matriz: minha praça tão querida” (OLIVEIRA, 2010, p. 146-150); “A imprensa em Montes Claros”(BRAZ, 2010, p.151-154); além de textos que abordam Oswaldo Antunes, Necéssio Velloso de Moraes, Padre Agostinho, José Augusto Freire, Francisco Gê Acayba, Exupério, Osmar Cunha, Ivan de Souza Guedes. Esse volume é bastante rico, contendo artigos que tratam de diversos assuntos revelando uma Montes Claros “cultural” e repleta em patrimônio cultural, sobretudo arquitetônico.

O volume VII contém os artigos: “Memória de Montes Claros” (COTRIM, 2011, p. 13-17); “Dois construtores do futuro” (PAULA, 2011, p.21-27); “História repetida num dia da pátria” (SOUSA, 2011, p.39-42); “O fundador de jornais” (LÍVIO, 2011, p. 43-45); “Coisas do passado III” (DURÃES, 2011, p.54-59); “ O turismo e o patrimônio arqueológico: uma possibilidade de desenvolvimento sustentável” (LEITE, 2011, p.82-105); e “O velho mercado” (ALEMEIDA, 2011, p. 142-145). Esse volume é uma edição que faz homenagem especial a Konstatim Christoff, por isso traz vários artigos sobre ele.

Enfim, o volume VIII e último a ser analisado nesta tese apresenta os artigos: “Coisasa do passado” (DURÃES, 2011, p.5660); “O 10º Batalhão de Montes Claros” (SENA, 2011, p.61-72); “Aspectos do desenvolvimento de Montes Claros” (FERREIRA, 2011, p. 73-78); “Montes claros – eterna lembrança” (TELES, 2011, p. 82-85); “Bendito Casarão da FAFIL” (GRAÇA, 2011, p. 105-18); “Tiro de guerra 87” (ARRUDA, 2011, p. 113-115); “Colégio Diocesano” (ARRRUDA, 2011, p.119-121); “Hotel São José” (ARRUDA, 2011, p.122-124); e “Rotary Clube Montes Claros – Norte” (ARRUDA, 2011, p. 125-126). Nesse volume faz homenagem a João Botelho Neto, Cônego Adherbal Murta de Almeida, Necésio de Moaris, Reivaldo Canela e Olynto da Silveira, assim como apresenta artigos que falam sobre Domingos Lopes da Silva, Fernanda Ramos, Pedro Xavier de Mendonça, Rotílio Manduca e Enéas Mineiro de Souza.

As revistas do IHGMC constituem enquanto memórias, porque a maioria dos seus artigos são lembranças dos autores que viveram em Montes Claros, assim como conheceram ou ouviram falar ou leram sobre determinadas pessoas que moraram em Montes Claros ou “contribuíram com sua história” - no caso dos artigos analisados, pois a Revista contempla a região norte mineira. Os autores, que são os membros do IHGMC, têm formação diversa, não constituindo somente historiadores e geógrafos, ou seja, na sua maioria são memorialistas e/ou cronistas, assim como fazem parte de uma elite intelectual, política e econômica da região e de Montes Claros. A análise desses artigos possibilita perceber a imensidão concebida como patrimônio cultural de Montes Claros e região, bem como a necessidade desse grupo em não deixar a história se perder registrando-a enquanto lembranças ou pesquisas em documentos oficiais. Esse material é importante enquanto fonte documental, sendo muito utilizado para pesquisas. Também é importante ressaltar que os artigos do IHGMC que trata sobre diversos assuntos, mas enfatizando sempre a história de Montes Claros e da Região Norte Mineira, traz a novidade de perceber o patrimônio cultural da Cidade com a presença e cheiro de gente, mesmo que das famílias tradicionais. Os autores dos artigos falam, por exemplo, do Mercado Velho com sua diversidade de pessoas, de frutas, de legumes, de queijos e requeijões. Eles abrem o debate para discutir o que pensamos e como lidamos com nosso patrimônio histórico que deve ser lembrado pelos moradores da Cidade, mas os moradores do centro e não da periferia. Centro e periferia entendidos, não apenas como organização do espaço urbano de Montes Claros, mas como quem tem o poder político, econômico, intelectual, social e religioso. Dessa forma, podemos constatar também um projeto de cidade elaborado por esse grupo e, conseqüentemente uma concepção de patrimônio cultural, de histórias e memórias. Pensar o patrimônio cultural de uma cidade consiste em construir relações políticas e globalizadas que desenvolvam atitudes e comportamentos preservacionistas e de identidade. Nesse sentido, as fontes analisadas – Revistas do IHGMC datadas de 2007 a 2011 - permitem constatar projetos políticos e culturais que viabilizam a construção de lugares de e em memória em Montes Claros

FONTES

1) Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros:

- Revistas volumes I a VIII, datadas de 2007 a 2011.

2) E-mails:

COTRIM, D. T. (dariocan@bol.com.br). [mensagem pessoal]. *Omnia vincit*. Mensagem recebida por filomena.joao.reis1996@gmail.com em 8 dez. 2011.

COTRIM, D. T. (dariocan@bol.com.br). [mensagem pessoal]. *Patrício Guerra*. Mensagem recebida por filomena.joao.reis1996@gmail.com em 8 dez. 2011.

COTRIM, D. T. (dariocan@bol.com.br). [mensagem pessoal]. *Omnia vincit*. Mensagem recebida por filomena.joao.reis1996@gmail.com em 17 fev. 2012.

REFERÊNCIAS

BLANCO, Giovanni Blanco; CAMPOS NETO, Candido Malta. Redescobrimo o Art Déco e o racionalismo clássico na arquitetura belenense. In: *Arquitextos*, n. 167, jan. 2009. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp167.asp>>. Acesso em 12 mar. 2012.

BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Portugal: Publicações Europa – América, 1983.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade; UNESP, 2006.

FONTANA, Josep. A reviravolta cultural. In: *A história dos homens*. Tradução Heloisa Jochins Reichel e Marcelo Fernando da Costa. Bauru, S.P.: EDUSC, 2004.

HOBBSAWN, E. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBBSAWN, E.; RANGER, T. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1984.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História, memória e centralidade urbana*. Nuevo Mundo, Mundos Nuevos. Debates, 2007. (Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org>. Acesso em: 22 fev. 2012 .

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. *Florestas anãs do sertão: o cerrado na história de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral. *Memórias em disputa: transformando modos de vida no sertão e na cidade*. Tese. 245 f. Universidade Federal de Uberlândia, 2011.

THOMPSON, E.P. *Senhores e caçadores*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.